

BENEATH THE PLANET OF THE APES / 1969

(O Segredo do Planeta dos Macacos)

um filme de Ted Post

Realização: Ted Post / **Argumento:** Paul Dehn, Mort Abrahams, baseado em personagens criadas por Pierre Boulle / **Fotografia:** Milton Krasner / **Efeitos Especiais:** L. B. Abbott, Art Cruickshank / **Montagem:** Marion Rothman / **Direção Artística:** Jack Martin Smith, William Creber / **Cenários:** Walter M. Scott, Sven Wickman / **Música:** Leonard Rosenman / **Orquestração:** Ralph Ferraro / **Guarda-roupa:** Morton Haack / **Caracterização:** John Chambers / **Som:** Stephen Bass, David Dockendorf / **Interpretação:** James Franciscus (Brent), Charlton Heston (Taylor), Kim Hunter (Zira), Maurice Evans (Dr. Zaius), Linda Harrison (Nova), Paul Richards (Mendez), Victor Buono (Homem gordo), James Gregory (Ursus), Jeff Corey (Caspay), Natalie Trundy (Albina), Thomas Gomez (Ministro), David Watson (Cornelius), Don Pedro Colley (Negro), Tod Andrews (Skipper).

Produção: APJAC / **Produtor:** Arthur Jacobs / **Cópia:** DCP, cores, legendada eletronicamente em português, 95 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, em 13 de Julho de 1971.

Aviso: A presente cópia apresenta alguns problemas ao nível da reprodução do som, não estando à altura da qualidade da imagem.

O êxito de bilheteira de **Planet of the Apes**, acrescentado ao novo ânimo dado ao cinema de "fc" por Stanley Kubrick com o seu **2001**, não só garantia, como até exigia, a continuidade – ao bom estilo dos "serials" – deste verdadeiro achado que foi o "monkey business". Foi assim que quatro sequelas se sucederam ao primeiro filme, com a assinatura de Schaffner, por esta ordem: em 1969, **Beneath the Planet of the Apes** (1969), provavelmente a mais interessante e, no dizer de um crítico americano, "o melhor filme que se poderia fazer a partir da premissa que era **Planet of the Apes**"; em 1971, e apesar do apocalíptico final de **Beneath**, Don Taylor trazia o "futuro" ao "passado", invertendo com alguma ironia a premissa de Schaffner, em **Escape from Planet of the Apes**; finalmente, em 72 e 73, mau grado todos os heróis das três primeiras sequelas estarem já devidamente mortos – os astronautas finam-se na primeira sequela, os cientistas macacos na segunda – as simiescas incursões continuam em **Conquest of the Planet of the Apes** e **Battle for the Planet of the Apes**. A televisão viria, então, a terreiro, produzindo a série respectiva, mais ou menos competentemente.

Ted Post, o homem chamado para prosseguir a incursão de Schaffner, é um cineasta, nascido em Brooklyn, em 1918, com créditos firmados tanto no teatro, como na direcção de shows e de filmes para a televisão, mas com uma carreira cinematográfica algo irregular,

em que sobressai um título de 1968, **Hang'em High**, em que dirigiu com algum apuro estilístico Clint Eastwood, no regresso deste a Hollywood, depois dos célebres "westerns spaghetti" **Per um Pugno di Dollari** e **Il Buono, il Brutto, il Cattivo**.

Entre as diversas opções tomadas por Ted Post – e passando de largo pelo facto do realizador ter associado os cenários originais da cidade dos macacos com os cenários originalmente construídos para **Hello Doly** (também de 1969), que servem aqui de subterrânea cidade dos mutantes – é particularmente intrigante a combinação entre dois actores com uma "planta" física tão semelhante como Charlton Heston e James Franciscus. A intenção é por demais evidente e o resultado não se faz esperar: um jogo de duplos que permite aos macacos e aos espectadores passar de um a outro o mesmo tipo de reacções e sentimentos. O mesmo se diga, aliás, de Nova (Linda Harrison), a mulher irracional, que tanto forma "casal" com Heston, como com Franciscus, metaforicamente falando é claro. Ou seja, como diriam os nossos críticos mais francófilos, forma a "imagem" de um casal.

Perdido embora o efeito de surpresa, garantia da expectativa e "estranheza" que a identificação do planeta para onde os astronautas tinham viajado proporciona, **Beneath the Planet of the Apes** retoma com garbo a narrativa, no ponto onde Schaffner a deixara, e faz o que lhe compete, procurar e mostrar os restos da civilização "humana" sobrevivente ao holocausto que a metade superior da Estátua da Liberdade, soterrada na praia, indica ter acontecido. Para isso, e porque é preciso fazer convergir para esses "restos" do mundo as três ordens civilizacionais em presença (humanos, mutantes, macacos), Ted Post altera o equilíbrio político da cidade dos macacos, mostrando a ascensão dos gorilas militaristas, no que ao tempo houve quem visse encapotada referência à política agressiva dos EUA no Vietnam. Uma nova incursão humana, a de James Franciscus, dá a seguir legítima oportunidade à tradicional sequência fuga-perseguição, até que, por fim, entramos nas catacumbas do planeta onde agora se pratica a mais estranha das religiões, a adoração da Bomba.

Se houvesse que encontrar uma definição sintética da metodologia da realização de Schaffner e de Post dir-se-ia que o primeiro aposta bastante no domínio das relações entre duração das cenas e movimento da câmara, enquanto Post se aplica sobretudo no controle e estratificação do espaço, criando zonas de clausura e contrastando o exterior e superficial com o interior e subterrâneo. Nenhum deles descobriu nada e o que fizeram já outros o haviam feito bem melhor. Resta a consolação de o terem feito com profissionalismo inegável.

A concepção dos mutantes, a princípio decepcionante, revela-se algo surpreendente quando, face ao novo Deus, aqueles se decidem a mostrar o seu "intimo". Ao máximo de inteligência e de refinamento mental, Ted Post faz corresponder, com a ajuda "interessada" da caracterização do genial Chambers, um máximo de desfiguramento e de horror. Também a concepção da Nova Iorque subterrânea, criando uma atmosfera hiper-realista, corresponde ao tom geral, ou ajuda-o a criar, dando aos cenários labirínticos onde decorre a última secção do filme as pinceladas de "déjà-vu" que permitem o reconhecimento – é ainda a Terra, é ainda o "nosso" destino – e o conseqüente "dramatismo".

A "trouville" final de **Planet of the Apes** implicou para as suas sequelas a obrigação de roçarem ombros com um mínimo de dignidade com o "the end" original. Nenhuma o conseguiu, mas devo reconhecer que Ted Post, no filme de hoje, e Don Taylor, na sua sequela, fizeram alguma coisa para lá chegar. À brutal surpresa proposta por Schaffner,

Post correspondeu com a mais radical – e nisso e igualmente brutal – das opções: destruir tudo.

Beneath the Planet of the Apes, e em **Escape from Planet of the Apes** também será assim, é de um inequívoco pessimismo. Não só a Terra é alvo de um primeiro holocausto, como Brent (James Franciscus), já dele avisado, o repete de novo, conscienciosamente, sabendo que agora se trata de destruição irreversível e definitiva. É possível que um tal final possa ser julgado do mais puro sensacionalismo cinematográfico. Não digo que não, tanto mais que até agora só sustentei ser **Beneath the Planet of the Apes** uma sequela digna do mediano **Planet of the Apes** inaugural, uma sequela que “justifies its own existence as a discrete movie”, como escreve o crítico Alan Frank. Se transpusermos, no entanto, a sua “lição” – e sustento agora que esta “série” é confessadamente pedagógica – para as nossas ficções e fissões do dia a dia (toda a geoestratégia desenvolvida à volta da Ucrânia, com as insinuações de recurso à guerra atómica pelo criminoso Putin), o mais que se pode dizer é que o final de **Beneath** é lógico e prosaico, ou será que alguém encontra um exemplo histórico de uma civilização que tenha gasto “bucks” e “brains” a inventar armas para depois, se não na primeira, pelo menos na segunda oportunidade, não as usar?

Note-se, o facto de **Beneath the Planet of the Apes** indicar com toda a probabilidade como é que tanta ficção achará o seu “the end” não o converte num filme melhor ou pior. **Close Encounters**, de Spielberg, apontava final mais epifânico e também mais improvável e, no entanto, era cinema de “primeira água”, o que não é o caso do filme de Ted Post. Paradoxos da inverosimilhança?

Manuel S. Fonseca